

## LITERATURA DE CORDEL A SERVIÇO DA EDUCAÇÃO

Monica Rector

A literatura de Cordel, característica do nordeste brasileiro, serviu de fonte de informação até o aparecimento do jornal. Sabemos que se trata, originariamente, de folhetos presos em pequenos barbantes ou cordéis. Atualmente sua venda restringe-se sobretudo a feiras livres.

Da sua origem pouco resta. Remonta ao romanceiro popular de tradição ibérica. A presença da literatura de Cordel, no nordeste, tem raízes lusitanas e a sua penetração data do séc. XVI e XVII. No entanto, o romanceiro português não é exclusivamente lusitano. Há a influência espanhola dos "pliegos sueltos", também chamados de "folhas volantes". Trazidos ao continente sul-americano com o nome "corrido" ou "compuestos", o folheto destaca-se pelo enriquecimento do **mote**, também chamado **tema**, com fatos circunstanciais.

Esta literatura caracteriza-se por ciclos temáticos basicamente de dois tipos: temas tradicionais provindos do romance e temas circunstanciais sobre acontecimentos contemporâneos que tiveram repercussão popular. A variedade temática levou uma série de especialistas a tentarem uma classificação: Leonardo Mota, Orígenes Lessa, Cavalcanti Proença, Ariano Suassuna apresenta o seguinte esquema: 1. Poesia improvisada; 2. Poesia de composição: a) ciclos: heróico, do maravilhoso, religioso e de moralidade; cômico, satírico e picaresco; de circunstância e histórico; de amor e fidelidade; b) formas: romances, canções, pejejas, abecês.

O elemento central nesse tipo de literatura é o homem, tanto nas histórias tradicionais, como nas de acontecimentos. E é esse mesmo homem que se utiliza do folheto como instrumento de comunicação de suas inquietações. O folheto se transforma em jor-

nal, em rádio, é o meio de comunicação dos lugares mais recônditos e insólitos.

"E ao lado do que ficou do passado, não se registrando os acontecimentos do momento, de cada instante que vive a geração respectiva. Daí a riqueza de informação, que através da literatura de Cordel se transmite às populações interioranas, em grande parte ainda analfabetos" (Manuel Diéguas Jr.)

Tal é o caso de dois folhetos de Benon Barreto — **Estória do homem que plantou algodão certo e enriqueceu** e **Zé Mocó fala da "lavoura seca" no plantio do algodão**.

O homem visado é o lavrador, os folhetos se transformam em manual didático, e a classificação tem que incorporar um novo item: o educacional.

O INFAOL (Instituto Nordeste para o Fomento de Algodão e Oleaginosos, de Pernambuco) partiu para um programa de educação agrícola ao médio e pequeno plantador de algodão, explicando as técnicas de racionalização com base na literatura de Cordel. Em sextilhas se explica a técnica do plantio do algodão com a finalidade de captar a atenção do agricultor, que, segundo a receptividade, quer pela atenção dada ao programa do INFAOL, quer pela procura dos folhetos, demonstra ser este um meio de comunicação e aprendizagem eficaz.

Nestes folhetos a rima é obedecida, a ortografia é a usual, os termos técnicos aparecem com letras maiúsculas e a gíria é limitada ("bichinha ruim" no lugar de "erva daninha"). A forma de tratamento comum é "caboclo", mas quando se trata do homem no trabalho, ele se transforma em **cabra valente** que sabe das coisas, que topa toda parada, que planta muito algodão e que gosta de vaquejada.

O algodão é o **mote** e a motivação para o lavrador desempenhar suas tarefas resume-se em três fatores: evocação dos momentos de lazer (cavalo bonito em festas de vaquejada), elogio (fazer uma louvação prá quem cultiva lavoura), e sobretudo o lucro (o lucro é um **desmantelo**, a safra tá **segurada**) para o sustento da família e a educação dos filhos.

Para ganhar tais recompensas, o lavrador tem que seguir as normas pré-estabelecidas e recomendadas para a obtenção de resultados positivos: o plantio por meio da adubação (plante semente de boa, a planta nasce ligeiro, o algodão fica lindo), enfatizado pelo estribilho "É o adubo, caboclo, que tem um gosto salgado"; o desbaste, ou seja, o corte (deixe três plantas somente); o combate às pragas com pulverizador ou polvilhadeira (contra o pulgão, curuquerê danado prá comer folhas; no caule se tem a broca; na maçã tem a Rosada) e cuidados especiais na colheita.

O maior problema reside na lavoura seca, nos danos causados pela chuva que arrasta a terra. Só a técnica resolve a catástrofe. Para tanto deve o lavrador seguir a risca os seguintes conselhos: escolha de área pequena; cuidado com a irrigação; combate à erosão; precaução contra perdas de água; infiltração; retenção; marcação de curvas de nível e dique, ou seja, tapagem.

Através da literatura de Cordel, a educação chega ao homem do campo. O plantio, a lavoura seca e o conceito de técnica foram comunicados. A compensação é dele e da região.

- "Não mexa muito com o solo
- Por entre as linhas plantadas
- Mantenha sempre os torrões,
- A técnica tá segurada".